



Agroecologia em periferias urbanas: o caso do Projeto Emancipação Social a partir da Soberania Alimentar – PESSSoA

Agroecology in urban peripheries: the case of the Social Emancipation Project based on Food Sovereignty

SANTOS, Mariana Almeida dos¹; SANTOS, Leonardo Bis dos²; NASCIMENTO, Maria do Carmo Freitas³

¹ Instituto Federal do Espírito Santo, marianaalmeidaifes@gmail.com; ² Instituto Federal do Espírito Santo, leonardo.bis@ifes.edu.br; ³ Instituto Federal do Espírito Santo, maria.nascimento@ifes.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Agriculturas Urbanas

Resumo: O Projeto Emancipação Social a partir da Soberania Alimentar - PESSSoA tem como objetivos a elaboração, a resignificação e a disseminação de conhecimentos agroecológicos em bairros de periferia urbana, por meio da implementação de hortas verticais e horizontais. O projeto fomenta o compartilhamento e a prática de saberes sobre produção e preparo de alimentos, de forma a provocar discussões acerca da reeducação alimentar e insegurança alimentar, uma vez que a emancipação social a partir da produção, preparo e circulação do alimento tem grande potencial de transformação em periferias urbanas. Os resultados dessas ações estão atrelados às relações interpessoais e muitos relatos demonstram que o trabalho com as hortas melhorou a qualidade de vida e tem ajudado no enfrentamento de enfermidades psicológicas. Com isso, concluímos que os êxitos das ações estão atrelados ao senso de pertencimento dos indivíduos e que os benefícios estão para além das hortas.

Palavras-Chave: Aglomerados subnormais; soberania alimentar; hortas urbanas; emancipação social; segurança alimentar e nutricional.

Contexto

O Projeto Emancipação Social a partir da Soberania Alimentar - PESSSoA tem como objetivos a elaboração, a resignificação e a disseminação de conhecimentos agroecológicos em bairros de periferia urbana, por meio da implementação de hortas verticais e horizontais. O projeto fomenta o compartilhamento e a prática de saberes sobre produção e preparo de alimentos, desde a reutilização de resíduos domésticos para compostagem até a ampliação de conhecimentos em torno das plantas alimentícias não convencionais - PANCs, como exemplos de temas abordados nessa perspectiva.

Inicialmente concordamos que a agroecologia é um campo de debates privilegiado para situar esse projeto. Esse entendimento parte da ideia de que:

a agroecologia é um instrumento importante na implementação de estratégias para viabilizar produções agrícolas em pequena escala sob administração familiar, em função principalmente da baixa dependência de insumos externos dos sistemas de produção preconizados (AQUINO; ASSIS, 2007, p. 137)



Assim, buscamos provocar discussões acerca da reeducação alimentar e insegurança alimentar, uma vez que a emancipação social a partir da produção, preparo e circulação do alimento tem grande potencial de transformação em periferias urbanas. Nosso recorte geográfico parte do desenho daquilo que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE chama de aglomerados subnormais. Segundo a definição:

No Brasil, os Aglomerados Subnormais podem ser conhecidos por diversas denominações: favela, invasão, grotá, baixada, comunidade, mocambo, palafita, loteamento, ressaca, vila, etc. As denominações e características territoriais variam regionalmente.” (IBGE, 2020)

Assim, definimos como palco das experiências empíricas a comunidade de Jesus de Nazareth em Vitória/ES, demarcada por inúmeras variáveis de vulnerabilidade social. Os dados consolidados pelo Projeto Desenvolvimento de Base Comunitária em Periferias Urbanas (Ethnos Consultoria e Pesquisa, 2022) apontaram que cerca de 22% dos seus moradores apresentavam parâmetros de insegurança alimentar, confirmando o panorama nacional apresentado pela Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (Rede PENSSAN, 2021).

De acordo com Silva (2013), as construções da comunidade foram estabelecidas sem garantir espaços de circulação adequados. A irregularidade na ocupação do espaço é uma marca do bairro Jesus de Nazareth e dificulta a delimitação entre as dimensões do público e do privado – o que gera conflitos inerentes aos afetos impregnados na construção da sua paisagem. Por isso, o estabelecimento de áreas comuns ou com potencial comunitário podem vir carregadas de histórias de encontros ou conflitos, que são evidenciadas durante o processo de produção de alimentos ou no seu preparo. Por isso, a proposta de hortas verticais associadas às horizontais em quintais privados ganhou destaque para contornar os potenciais conflitos relacionados à escolha e a gestão de espaços de instalação de hortas comunitárias.

Descrição da Experiência

O trabalho com hortas urbanas não apresenta nenhum grau de ineditismo, já que se trata de uma estratégia identificável nas cidades brasileiras. Nesse sentido, após as aprovações no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética nº 64199422.4.0000.5072 e Nº de Parecer 5.770.113) e na captação de recursos junto à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado do Espírito Santo (Fapes), foram selecionados dois bolsistas: um morador da comunidade e um estudante de ensino superior do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo – IFES.

Durante a construção da proposta e da execução, o PESSOA mobilizou pesquisadores de dois campi do Ifes – Campus Vitória e Campus Santa Teresa – de diversas áreas do conhecimento (sociologia, nutrição, biologia, agroecologia e engenharia), além de inúmeros voluntários da comunidade parceira. O projeto teve o apoio técnico do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão



Rural – Incaper e agregou parceiros como o Centro Municipal de Educação Infantil Lídia Rocha Feitosa e da Escola Municipal de Ensino Fundamental Edna de Mattos Siqueira Gáudio – onde foram instaladas composteiras que têm fornecido biofertilizantes, além de serem sedes de ações de educação ambiental com os alunos e os pais.

Realizadas as reuniões iniciais de alinhamento teórico-metodológico, estabelecemos que duas lideranças socioculturais do bairro realizassem o levantamento das famílias a serem atendidas. Os critérios estabelecidos para participar do projeto consistiram em ser morador do bairro, ter compromisso com as hortas e com as discussões do grupo. Tínhamos o desejo de acolher famílias com características distintas para fins de pesquisa (casas com e sem quintal, casas onde só seria possível instalar a horta em alguma parede, casas espalhadas pelo bairro – não concentrar entre vizinhos próximos, casas com maior e menor incidência solar). O chamamento das lideranças atraiu o interesse de 12 famílias, cujo os dados foram catalogados por meio de questionários – uma entrevista por núcleo familiar – detalhando os hábitos alimentares, problemas de saúde e conhecimentos agroecológicos, como os saberes sobre cultivo de alimentos do núcleo familiar.

A pesquisa delimitou um recorte extremamente significativo entre os entrevistados, revelando que em 75% das casas o responsável pela horta seria uma mulher e no recorte racial, 91% dos entrevistados enquadram-se como negros/as (soma de pretos e pardos). Quanto aos hábitos alimentares, 37% dos entrevistados declararam comer frutas muito raramente e 36% ingerem muito raramente ou não têm o hábito de ingerir bebidas adoçadas e frituras. No entanto, dentro dos atendidos 37% possuíam pelo menos um membro na família com hipertensão e 18% tinham pelo menos uma pessoa na casa com diabetes.

Em relação aos conhecimentos agroecológicos observou-se, nas ações de campo, que a maioria das famílias – mesmo as que não foram atendidas pelo projeto – possui, pelo menos, plantas ornamentais em suas casas. Contudo, não foi verificada nenhuma horta implantada nas moradias que tivesse hortaliças, raízes e/ou tubérculos. Vale ressaltar que em 2016/2017, houve uma tentativa de implantação de uma horta comunitária em um local público, de grande circulação de pessoas – contígua à uma das principais escadarias que dá acesso à parte alta do bairro. Essa experiência não teve futuro próspero, uma vez que sofreu com depredações humanas e falta de manutenção. Diante desse levantamento junto às famílias, iniciamos processo de aprendizado com outras comunidades e experiências. Diante disso, optamos por modelos de hortas familiares em pequenos espaços baseando-se nos resultados históricos.

Das 12 famílias inicialmente previstas para parceria no projeto, 1 desistiu antes de iniciar e 11 hortas foram implementadas (4 hortas horizontais e 7 verticais). Outras 4 famílias manifestaram interesse e estão prestes a ingressar no projeto – temos expectativa que o desenvolvimento do projeto contribua para que outras famílias se engajem. As hortas horizontais foram implantadas nos espaços cedidos nos quintais



dos lares e, assim, a equipe realizou a limpeza dos locais para a adequação do ambiente ao plantio. As estruturas das hortas verticais foram realizadas com paletes e complementadas com 3 canos de 1,5 m². A partir de rede social o grupo compartilhou as atividades, os êxitos e os problemas relacionados às hortas. Vale ressaltar que para além das hortas, o PESSOA parte do princípio da necessidade de estabelecer uma relação de troca, da rotatividade dos conhecimentos e das práticas individuais e coletivas.

Resultados

Podemos dividir nossos resultados em dois grandes eixos: o primeiro relacionado à produção de alimentos nas hortas urbanas e o segundo relacionado aos ganhos tangenciais relacionados ao cultivo dos quintais produtivos.

Em relação ao primeiro eixo, o processo de cultivo ocorreu de maneira orgânica e partiu do princípio dos conhecimentos agroecológicos locais, pautados no respeito aos ciclos biológicos e da observação da necessidade de cada espécie introduzida nas hortas. Em meio ao processo de aprendizado foram identificadas ações exitosas e alguns problemas relacionados às condições de luminosidade, a composição da terra, a adubação e/ou condições de umidade e ao controle de ataques de animais, como cachorros, gatos e aves. As hortas horizontais obtiveram êxito em sua totalidade, as famílias já estão realizando a colheita em suas plantações e complementam sua alimentação a partir do que foi produzido em seu próprio quintal.

No entanto, quando se observa as aplicações das hortas verticais, em espaços reduzidos, o desenvolvimento não obteve o mesmo desempenho. Segundo os agrônomos relacionados ao projeto, as dificuldades que impactam o crescimento das plantas podem ser atribuídas a incidência de sol associada à temperatura criada a partir do plantio em PVC (canos), a granulometria da terra inadequada e a necessidade de irrigação das plantas mais vezes ao dia, uma vez que os integrantes das famílias trabalham e por isso passam parte do dia fora. Diante desse diagnóstico novas estratégias foram estabelecidas e o replantio será realizado, adotando medidas mitigadoras.

Além dos efeitos da produção em si, temos notado que os resultados estão atrelados às relações interpessoais por meio da rotatividade dos alimentos, das experiências no cuidado das hortas e do compartilhamento de receitas, e essas categorias analisadas no conjunto podem ser entendidas como economia dos afetos positivos fomentando a rede do sistema agroecológico urbano. Temos relatos que o trabalho com as hortas melhorou a qualidade de vida e tem ajudado no enfrentamento de enfermidades psicológicas. Com isso, concluímos que os benefícios estão para além das hortas e os êxitos das ações estão atrelados ao senso de pertencimento dos indivíduos.



Referências bibliográficas

AQUINO, Adriana Maria de; ASSIS, Renato Linhares de. Agricultura orgânica em áreas urbanas e periurbanas com base na agroecologia. **Ambiente & Sociedade**, [s. l.], v. 10, ed. 1, p. 137–150, Junho 2007. DOI <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2007000100009>.

ETHNOS CONSULTORIA E PESQUISA. **Projeto Desenvolvimento de Base Comunitária**. Periferias Urbanas - Jesus de Nazareth- Vitória/ES. Fevereiro de 2022 (relatório mimeo).

IBGE. **Aglomeramentos Subnormais 2019**: Classificação preliminar e informações de saúde para o enfrentamento à COVID-19. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: < https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101717_apresentacao.pdf> Acesso em: 20 jun. 2023.

REDE PENSSAN. **Insegurança Alimentar e Covid-19 no Brasil**: Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil. Belo Horizonte: Instituto Vox Populi, 2021.

SILVA, D. **GeoHistória do bairro de Jesus de Nazareth**. Trabalho de Conclusão de Curso, 2013.